

Redacção, Administração Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALHA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras. Não se devolvem os originaes. Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARX CORREIA
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderecênt à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluido o envio de 100 exemplares de 1925. Lisboa, 300\$; Provença, 300\$; Africa Portuguesa, 300\$; Guiné, 300\$; 3 meses 1100\$.

TERÇA FEIRA, 22 DE DEZEMBRO DE 1925 DIÁRIO DA MANHÃ PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2165

A GRANDE MANIFESTAÇÃO CONTRA AS DEPORTAÇÕES

A despeito do governo ter proibido a manifestação, milhares de operários dirigiram-se ontem ao Parlamento junto do qual foram recebidos a tiro, à sabrada e à coronhada

O operariado não podia esperar dum regime que se liga a burlões em secretos conluios de moeda falsa senão o acolhimento brutal de ontem. O Banco Nacional Ultramarino arruína as colónias e rouba os cidadãos estampando impunemente papel sem valor? Que faz o Estado? Envia para a Guiné operários que nem julgados foram.

O Rêgo Chaves desfalca o tesouro público dando aos Bancos milhares de libras? Que fazem os dirigentes do regime? Metem na cadeia, durante mais de seis meses sem culpa formada, dezenas de operários!

Alfonso Costa, lá de Paris, digerindo fortunas, lança a «chantage» dos 50 milhões de dólares, abalando profundamente as finanças nacionais? Que fazem os governos? Sancionam os assassinatos dos Olivais e de Silves e as ciladas tenebrosas que vitimaram dois operários, um cego e outro ferido em pleno peito... quando fugia.

Inocêncio Camacho — mais Camacho do que Inocêncio — de combinação com um governo parvo ou culpado, encomenda em Londres, sem autorização legal, mais de 300.000 contos de notas de quinhentos escudos, burlando o país? Que fazem os dirigentes do regime? Metem-no na cadeia? Não, porque nesse caso ministros, altos comissários, diplomatas e outros emplumados teriam de gemer também nas enxovias. Não, os dirigentes do regime mandam espadeirar e fuzilar o povo que apresenta ao parlamento reclamações justas.

E', assim, a justiça em Portugal: para os grandes, a protecção e a impunidade no crime; para os pequenos, quando inocentes, os castigos mais severos

A falta de espaço não nos permite dar hoje às nossas apreciações sobre o caso do Banco de Angola e Metrópole a latitude que merecem. Hoje todo o espaço é pouco para verberar o procedimento do governo para com o operariado, proibindo-lhe uma manifestação absolutamente ordeira de protesto — que era, no meio pútrido e vergonhoso em que se vive neste país, uma salutar manifestação de consciência.

A pesar da proibição, como noutro lugar mais largamente relatamos, grande multidão quis acompanhar ao parlamento a comissão que ali foi entregar uma representação sobre as deportações sem julgamento. A policia, com a sua ferocidade habitual, espancou manifestantes, ficando alguns deles gravemente feridos.

Esta ferocidade da policia contra o povo que exercia o seu direito de protestar contra uma infamia, contra um abuso do poder, contrasta com o procedimento havido para com os altos trunfos emporelhados nesta fétida questão do Angola e Metrópole.

As afirmações de A Batalha, que puderam aclarar a negociata secreta, estão sendo hoje confirmadas pela opinião publica e pelas criaturas que andam no segredo dos deuses de lama que predominam nesta terra. A imprensa empenhada em abafar o escândalo não consegue a pesar da sua vontade ofuscar o brilho da verdade. Os nomes dos criminosos, dos verdadeiros criminosos, dos responsáveis, das «pessoas de bem» que forjaram o plano tenebroso das notas andam já murmurados de boca em boca.

A opinião pública já aponta, já acusa os verdadeiros réus. Mas o governo protege-os, a policia cala-se, a imprensa tenta estabelecer a confusão. Os inocentes são tratados com toda a consideração, com curvaturas de espinha que envergonham um regime inferior. As violências são apenas exercidas sobre os que não falsificam notas nem contratos. As violências do poder são todas para as vítimas — para o povo.

E a gente obscura do povo que é agredida na praça publica quando protesta contra as iniquidades. E a gente obscura do povo que expia na Guiné crimes que não se sabe quem cometeu. E a gente obscura do povo que tomba mortalmente ferida a tiro pela policia.

E os banqueiros arrufam tranqüilamente o país (veja-se a obra do Banco Ultramarino) passando moeda falsa, com a sanção do Estado.

E políticos de destaque concluíam-se secretamente com burlões para lançar emissões de notas ilegais no montante de milhares de contos.

E quando se pretende saber toda a verdade dessas roubaheiras, a policia, por ordem dum governo já desacreditado, agride o povo, vítima de todas estas combinações tenebrosas. E quando se pretende saber toda a verdade a grande imprensa, que facilmente desacredita homens honrados chamando-lhes legionários e pondo-lhes alcunhas degradantes, da sua invenção, refere-se às criaturas que se sujam na montanha do Angola e Metrópole com adjetivos respeitáveis, carinhosos, doces — que revoltam as consciências rectas.

Todos estes factos vão sendo registados pelo povo, pela massa honesta do país que um dia saberá fazer justiça a todos estes pantominheiros endinheirados à custa de roubos e fraudes protegidos por governos cúmplices e pela força publica brutal.

Antes dos comícios e da manifestação

A noticia da proibição da manifestação, notificada no domingo à tarde à Confederação Geral do Trabalho em officio do official de serviço no Governo Civil, tenente João Boavida, foi conhecida pelo operariado ontem de manhã, pelo Supplemento ao numero de domingo da Batalha.

A medida governamental foi recebida desfavoravelmente. O pretexto para a prohibição foi pueril. Ninguém acreditou que a manifestação servisse aos empreiteiros de revoluções. O que toda a gente viu é que o governo receava uma demonstração publica de reprovação aos seus actos, de reprovação aos actos dos seus antecessores.

A cidade começou então a oferecer um aspecto bizarro. Bastantes operários, apesar da paralisação estar annunciada para as 12 horas, não compareceram de manhã ao trabalho. Os que trabalharam de manhã às 12 horas abandonaram as ferramentas.

Nos bairros de maior população operária, a aglomeração nas ruas era grande. Respirava-se um ambiente pesado, embora o dia se apresentasse regular.

As classes marítimas não pegaram ao trabalho. As grandes fábricas estavam encerradas, depois do meio dia. Os arsenais estavam devolutos. O operariado que ali trabalhava viera engrossar as manifestações.

O pessoal da Imprensa Nacional abandonou também, de tarde, o trabalho.

Operários da construção civil, metalúrgicos, gráficos, mobiliários, corticeiros, tanoeiros e de outras classes não compareceram nos logares de trabalho, depois das 12 horas.

O comício no Salão da Construção Civil

O comício no amplo salão da Construção Civil iniciou-se, aproximadamente, às 14.30. A assistência que era numerosíssima, ocupou toda a sala e espalhou-se pelos corredores, aglomerando-se de maneira a poder ouvir os oradores, que tiveram os seus discursos constantemente cortados de apêlotes de aplauso e de incitamento.

Alexio de Oliveira abre o comício em nome da Câmara Sindical do Trabalho. Acentua que a manifestação que está decorrendo é a consequência directa do trabalho pertinaz que a organização operária vem realizando, por meio de sessões e conferências, em defesa dos deportados.

Refere-se à maneira como foi proibida a manifestação. Na véspera o governador civil avisou que ela não seria consentida. Há pouco a aludida autoridade enviou o seu secretário à sede da Câmara Sindical do Trabalho declarando que prohibia a manifestação por recear que houvesse quem com ela quisesse especular.

O governo, declarou ainda o representante do governador civil, tinha a maior consideração pelas classes trabalhadoras e o comício podia realisar-se, até se os operários o pretendessem, no Parque Eduardo VII.

Prosseguindo as suas considerações o orador comunica que a Comissão Pró-Regresso dos Deportados entende que a assistência deve aguardar que ela regresso do parlamento a fim de decidir a atitude que deve tomar. Porém, à assistência cabe resolver em ultima instancia. Termina convidando a presidir Joaquim de Sousa que é secretário do C. G. T.

Fala a seguir Sebastião Marques que se refere à acção que a Comissão Pró-Regresso dos Deportados de acordo com a Câmara Sindical do Trabalho, tem desenvolvido. Não aconselha a assistência a seguir para o parlamento ou a permanecer na sala. Ela que resolva segundo os ditames da sua consciência.

Proibiu-se a manifestação não com o receio de fosse perturbada a decantada ordem publica, mas sim para se ocultar que a classe trabalhadora se erguera em massa, reclamando o regresso dos deportados.

Termina afirmando a necessidade da classe operária continuar mantendo a sua solidariedade para com todas as vítimas da reacção burguesa.

Fala a seguir o dr. sr. Mário Monteiro que, como advogado, declara que não lhe importa que a C. S. T. vá para a esquerda ou para a direita, mas sim o respeito à lei e à Constituição, ambas violadas com as deportações e com as prisões sem culpa formada, há largos meses mantidas.

«Desafio — disse — o sr. presidente do ministério ou o sr. presidente da República a provarem-me que este país está dentro da Constituição. Não sei se os senhores estão à espera da resposta que há de vir do Parlamento, ou se não estão. Entendo que já lá deviam ter ido.

A todo o cidadão é licito apresentar reclamações ao Parlamento desde que haja infracção da lei. Até resistir é licito. Mas nós não desejamos resistir, desejamos somente fazer cumprir a lei infringida.

Como advogado, entendo que se pode sair, porque fazendo-o estamos dentro da Constituição. Há indivíduos que estão presos há 7 meses e que, depois de afiançados, ainda continuam presos!

Aguaes quentes e panos quentes, de nada servem. Não vos incito à revolta, nem vos aconselho a que vão ao Parlamento. Digolhes apenas: Se invertéssemos os papeis e enviássemos um officio ao sr. comandante da policia, a dizer-lhe que acabávamos de sair daqui para fazer uma manifestação ao sr. presidente do ministério, podíamos sair à vontade, e dar vives e cantar, e deitar foguetes... que ninguém tinha medo de perturbações!»

Alberto Dias manifesta a sua revolta pela diferença do tratamento havido para os trabalhadores e para os implicados na colossal burla do Angola e Metrópole. Artur Cardoso profere também um pequeno e enérgico discurso condenatório das violências portuguesas e termina dizendo que se a assistência entende que deve ir ao parlamento a sua attitudem não significa desconsideração pela comissão pró-regresso dos deportados.

Aberto Moura Pais delegado da construção civil de Almada vem directamente assistir ao comício e trazer a solidariedade do povo daquela vila. O orador ataca a seguir e enérgicamente os atropellos do poder. Emfido Santana pronuncia, em nome da Juventude Sindicalista, palavras de protesto.

Jerónimo de Sousa declara que a attitudem assumida pela Comissão Pró-Regresso dos Deportados não foi motivada por qualquer sentimento de receio, mas sim por uma razão de humanidade.

O governo não tem a menor consideração pelas classes trabalhadoras. Se a manifestação se fizer não lhe repugna a hipótese de assistir a um ataque cobarde da força publica sobre uma multidão desarmada. A policia tem aumentado enormemente o seu poder, chegando a sobrepor-se aos governos. Recorda que o sr. Ferreira do Amaral



Um aspecto do comício realizado no pátio da C. G. T.

afirmou que enquanto comandasse a policia os presos nunca seriam postos em liberdade.

Findo este discurso de entre a assistência erguem-se vários operários gritando: — Vamos ao parlamento!

E a multidão debanda em ordem, com o fito de se dirigir ao parlamento.

Entretanto... outro comício no pátio da C. G. T.

Enquanto no Salão da Construção Civil e nos corredores contíguos alguns milhares de operários se comprimiam para ouvir os oradores, no pátio do edificio onde estavam instalados uma grande multidão esperava ansiosa o momento em que seriam conhecidas as resoluções do comício. Então, para que a todos fosse dado conhecimento do que se passava, o camarada José Martins Grilo, do comité confederal da C. G. T., dum das janelas do referido pátio improvisou um outro comício.

A multidão, ao ser informada da iniciativa, irrompeu numa grande manifestação de contentamento. José Martins Grilo explicou em seguida os fins da reunião, ou seja o propósito de a organização operária vincular os seus protestos contra os atropellos às liberdades publicas que há cerca de oito meses vêm sendo espinhadas com grande desaforo.

Falou depois, do mesmo lugar, Jaime Tiago, pela Câmara Sindical do Trabalho, que num pequeno, mas incisivo discurso combatu a obra das autoridades e do governo no respeitante às deportações e às prisões sem culpa formada.

Francisco Viana, pela Federação Metalúrgica, passa em revista os atropellos à própria Constituição feitos pelas autoridades, combatendo em seguida, em termos enérgicos, a prohibição da manifestação ao parlamento que a Câmara Sindical tentava levar a efeito.

Vergilio de Sousa, pelo Núcleo Juvenil Sindicalista de Lisboa, protesta veementemente contra a prohibição da manifestação e contra as deportações e prisões sem culpa formada.

Manuel Ramos verbera o procedimento da policia para com os presos que se encontram nas várias esquadras, e aconselha a multidão a accionar de forma a fazer respeitar as liberdades individuais.

João Miranda, pela Federação da Construção Civil, diz que os presos erguem neste momento um grito lancinante: «Não nos deixeis morrer, salvai-nos as vidas!» Esse grito deve ser ouvido por todos os corações bem formados, deve ser ouvido por aqueles que se não conformam com o arbitrio.

José Martins Grilo, falando pela Federação do Mobiliário, num bem urdido discurso flagela os atropellos à liberdade. Em seu entender esta multidão devia ir ao Parlamento erguer os seus clamores contra as injustiças que obrigam à realização deste comício.

Alguns dos assistentes manifestam-se de acordo com o orador, ouvindo-se alguns vivas à organização operária e morras aos tiranos.

Falaram depois Quirino Fernandes, José dos Santos e José Dias que em rápidas palavras condenam as violências cometidas pela policia, afirmando também os seus protestos contra a medida do governo, que prohibiu a manifestação.

Alvaro Rosa, do Sindicato da Construção Civil do Barreiro, discorda da ida ao Parlamento dum multidão indefesa quando se sabe que a força publica a receberá escaldando e clamando justiça e respeito pela lei.

de Sousa condenam as deportações que consideram obra dos reacconários.

A assistência neste momento começou a debandar em direcção ao Parlamento o que levou um camarada a aconselhar os presentes a esperarem pelos que se encontravam ainda no Salão.

O conselho era já tardio. A multidão encontrava-se na sua maior parte estendida pela Calçada do Combro e disposta a dirigir-se para o Parlamento.

José Martins Grilo encerra, então, o comício encaminhando-se em seguida os assistentes para o Largo das Côrtes.

A entrega da representação ao presidente da Câmara

A Comissão Pró-Regresso dos Deportados, acompanhada pelo secretário geral da Câmara Sindical do Trabalho, advogado do Conselho Jurídico, delegados da Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares, do Sindicato dos Impressores Tipográficos e pelo dr. Mário Monteiro e de pessoas de familia dos deportados, entregou ontem, no Parlamento, ao presidente da Câmara dos Deputados a seguinte representação:

Ex.º Sr. Presidente da Câmara dos Deputados. Senhores:

A Comissão Pró-Regresso dos Deportados, que nos seus intuitos honestos e na sua elevada missão é acompanhada pela população operária organizada e consciente — bem como pelos intelectuais que em presença do estranho e estupendo caso tomaram uma attitudem desassombrosa e clara — vem perante o poder legislativo, perante o executivo e o judicial, trazer o mais solene protesto e a mais indignada repulsa contra o acto bárbaro e anti-legalista, levado a efeito contra um punhado de homens que os tribunais competentes ainda não julgaram.

Pela nossa mente aturdida, as deportações sem julgamento passam ainda, ao fim de tanto tempo (!) como um pesadelo horrível — de tal forma à nossa sensibilidade moral e à nossa concepção da vida e da justiça social repugna acreditá-lo.

Todavia, temos de curvar-nos à evidência e temos de reconhecer que se não trata de uma alucinação ou de um pesadelo nascidos de uma perturbação dos sentidos ou gerados no seio de uma neurose — mas, ao contrário, de uma realidade brutal, de um facto sinistro que enoda uma Democracia, offende a mentalidade jurídica da época em que vivemos e nega uma moral já conquistada, queimando regressivamente umas quantas etapas feitas pela Humanidade na sua marcha ascensional progressiva!

Por meio de um decreto verdadeiramente inconstitucional, imbuído de ideas macrónicas — que deviam fazer corar de pejo os seus autores e collocá-los sob a acção pesada mas purificadora do remorso, se disse fôsem susceptíveis — deportaram-se sem julgamento para as plagas africanas, alguns para regiões mortíferas, sem processo regular e sem pronúncia, umas dezenas de homens.

Há uma série de meses que o sinistro facto se praticou, tendo-se mantido essa situação, vergonhosamente, a despeito de todos os protestos do operariado, de todas as conferências realizadas por intelectuais e profissionais do fóro, de todos os manifestos a publico lançados por jornalistas, homens de sciencia e homens de letras, de toda a repulsa manifestada nitidamente pela opinião publica que aos poucos se foi esclarecendo e clamando justiça e respeito pela lei.

Há já meses irreparáveis pois que, em virtude da surdez dos governos ou da sua pusilanimidade em presença de ameaças de certas perniciosas castas que se julgam no direito de se sobreporem aos poderes do Estado, alguns dêsse deportados, sem julgamento — sem julgamento e sem processo regular — por lá perecerem — quem sabe se inocentes? — deixando enlutadas suas familias, para elles não tendo havido, sequer, o respeito que a lei impõe mesmo para com os condenados, que para o degrêdo não vão sem serem sujeitos a prévio exame médico!

Mas, já que se praticou o nefando acto e já que se tem mantido essa deplorável situação anti-jurídica e anti-constitucional, de tão desgraçadas consequências e de alguns males já agora sem reparação, que, ao menos, num momento de lucidez, de bom senso moral, de decêro e de equilibrio de intelligencia, se faça, prontamente, cessar a tremenda iniquidade, fazendo regressar imediatamente à metrópole os deportados sem julgamento e submetendo-os — aqueles que pronunciados forem ou estejam — ao julgamento competente nos tribunais de Lisboa, que são aqueles que têm competência para da accusação tomarem conhecimento e sobre ela decidirem.

Também nas esquadras da policia — numa situação em que faltam as mínimas condições higiénicas — se mantêm presas, há mais de sete meses, criaturas que, quando em virtude de pronúncia tivessem de estar privadas da liberdade, a sua permanência deveria ser, naqueles locais onde é costume permanecer quando se está de baixo da alçada da lei, representada pelo respectivo juiz de direito que assinou a pronúncia — se não estão pronunciados — então, o seu estado nestas esquadras representa uma enorme monstruosidade, anti-constitucional também, por se verificar que já de há muito se ultrapassou os oito dias da legalidade para a formação da culpa.

Senhores: É isto que nos traz aqui. Vimos protestar contra uma bárbara iniquidade. Vimos, acompanhados por todos os homens de pensamento e de alma bem formada, reclamar, exigir justiça.

Vimos lembrar — e somos nós que temos de o fazer! — o rigoroso respeito pela lei e pelos direitos consignados na Constituição.

Perturbada e comiada é a hora que passa, cada dia trazendo à supuração um novo escândalo, uma nova fraude, uma nova quadrilha de pessoas que tripudiam sobre a colectividade — tudo parecendo annunciara queda próxima e ignominiosa dum estado social num fim propositual de liquidação.

O povo tudo vai vendo, acompanhando, observando, comentando e confrontando. E o que poderá acontecer no dia — que parece avizinhar-se — em que Ele, cansado de esperar, de reclamar, de protestar, de observar e de confrontar, reconheça que é inútil, que a sua voz se perde no deserto desolador das consciências mal formadas, que seus deus justicieiros não encontram eco, que tudo se afunda no pantano pestilento da iniquidade e do arbitrio de uma Democracia perversificada?

Não ameaçamos. Possuídos de razão — mostramos apenas, sem subterfúgios e sem sofismas, as suas linhas do quadro real e deplorável. — E, possuídos dessa mesma razão, exigimos respeito pela lei e, de harmonia com ela, a possível e urgente reparação de uma violenta arbitrariedade que não pode continuar a manter-se por mais tempo.

Apenas isto! Saúde e justiça. Lisboa, 21 de Dezembro de 1925. A Comissão Pró-Regresso dos Deportados.

dos — Eduardo Ortiz, Manuel Marques, Alberto Monteiro.

Pela Câmara Sindical do Trabalho — Alfredo Lopes, secretário geral.

Assinaram a representação os seguintes organismos sindicais: Operários Corticeiros de Lisboa, Compositores Tipográficos, Mobiliários, Operários do Município, Pessoal de Cámaras de Longo Curso, Litógrafos, Fogueiros de Mar e Terra, Manipuladores de Fio, Empregados Menores no Comércio e Indústria, Impressores Tipográficos, Construção Civil, Manufactores de Calçado, Tráfego do Porto de Lisboa, S. U. Metalúrgico, Encardadores, Arsenalistas do Exército, Operários Alfaiates, Pessoal da Imprensa Nacional, Carruageiros, Arsenalistas de Marinha, Confeiteiros e Pasteleiros, Federação do Livro e do Jornal, Tanoeiros, Empregados de Escritório, Canteiros e Polidores de Mármore, Pintores, Estucadores, Carpinteiros, Pedreiros, Secção da Construção Civil de Palma, Corticeiros de Belém, Hospitais Civis, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, Chauffeurs, Caixeiros de Lisboa, Federação dos Empregados no Comércio e Chapeleiros.

O delegado da F. P. T. L. J. S. fez entrega do seguinte documento:

A' Câmara dos Deputados.

Ex.ºs Srs. — A Federação Portuguesa dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares, que legitimamente representa os trabalhadores manuais e intelectuais que compõem a industria em todo o país, eleva o seu protesto enérgico e altivo contra as prisões e deportações arbitrárias de operários que são o mais flagrante atropello às leis e à Constituição da República, cometido por quem tinha por dever velar pelo seu cumprimento e prestígio: as autoridades!

Senhores, acabei com êstes supplicios, que são uma afronta à humanidade! Lisboa, 21 de dezembro de 1925. Pel. Secretariado, (sa) Carlos José de Sousa, António Costa.

O que se passou na Câmara dos Deputados

São perto de 4 horas, quando o deputado socialista dr. sr. Ramada Curto pergunta à presidência se já recebeu a representação da C. S. T. sobre a questão dos deportados. O presidente responde negativamente.

No seu discurso de critica à declaração ministerial o dr. sr. Ramada Curto teve estas interessantes afirmações: Na questão das deportações a republica fez sumir a lei por alcapão e entregou todo o poder a um grupo de janisarios que governam tendo tro-no assente no Governo Civil. Para que a rua se acalme é preciso que ao lado de cada homem de temperamento violento não esteja um desgraçado e essa desgraça — diz o orador, apontando o governo — é culpa vossa! Na «legião» dêsse homens pode haver inocentes, para os quais não houve sequer o direito concedido aos próprios parricidas, de serem observados por uma junta medica que decidisse da capacidade do seu fisico para efeito de deportação. Os republicanos que aplaudiram a cessação da pena de morte não tiveram a coragem moral para enforcarem ou fuzilarem esses homens que entregaram à mais cruel das mortes, pelo clima mortífero da Guiné. Não há conservantismo ou demagogismo que justifique esta cobardeia de não se ter levantado um cadafalso. E estamos nisto: de quando em quando chega a noticia de que morreu um, depois outro, e já lá vão quatro, sem que por parte de quem ilegalmente os deportou se verifique um rebate de consciência.

Tem-se recuado muito desde o 5 de outubro até hoje, pois se até já no parlamento republicano foi proposto o restabelecimento da pena de morte...

O dr. sr. João Camoegas, ministro da instrução do último governo, quasi no fim da sessão parlamentar protestou contra a prohibição de reuniões operárias nos sindicatos, pela policia, sessões que têm um carácter de protesto contra as deportações, protesto justo e ao qual se associa, visto que fle visa a demonstrar uma grande verdade: a Constituição foi desrespeitada pelo poder. (O sr. João Camoegas foi ministro há um mês e as deportações mantêm-se há oito meses).

O sr. António Maria da Silva, com o seu actual sorriso, aquele sorriso mentiroso e diabólico que tem ordenado tanta medida repressiva contra nós, que inspirou as deportações e tem, por certo, gosado com as agruras dos sepultados nas esquadras, respondeu com hipocrisia ingenuidade: que nada sabia sobre prohibição de sessões operárias, mas que lhe parecia que os sindicatos operários não respeitavam a formalidade de comunicar às autoridades essas reuniões 24 horas antes.

O sr. Silva esquece-se de que a lei de 9 de maio de 1901 permite que sem prévio aviso às autoridades as classes reúnem nas suas sedes, quando e para o que lhes aprou-ver, sendo as suas sessões púlicas. Doutra forma não se comprehenderia a liberdade de reunião e de associação, salvo se se pretende democratizar a organização operária...

... Sobre os presos sociais disse o actual pre-

sidente do ministério que foi informado de que tanto os que estão cá nas esquadras como os que se encontram na Guiné já foram pronunciados. Se não houver agravos da pronúncia, serão imediatamente julgados. O local de julgamento será demarcado pelo Conselho Superior da Magistratura.

Como o deputado dr. sr. João Camoesas insistisse no facto de a policia proibir reuniões operárias, até mesmo as que têm prévio consentimento do governo civil, o sr. António Maria da Silva promete providenciar para que tais factos se não repitam.

E nós cá estamos para ver como... cesteiro que faz um cesto... A declaração ministerial não pôde ser distribuída a todos os parlamentares e à imprensa, pelo facto do pessoal da Imprensa Nacional se ter solidarizado no protesto contra as deportações e prisões arbitrárias. Apenas puderam ser tiradas umas provas que foram entregues aos leaders.

Gá fora a policia e a G. N. R. disparam e espancam

Na mesma altura que a comissão delegada da Câmara Sindical do Trabalho, na Câmara dos Deputados fazia entrega ao sr. Rodrigues Gaspar da representação que noutro lugar publicamos, cá fora, a guarda republicana e a policia, com furor cambalesco, dispersava à pranchada os operários que no largo das Cortes aguardavam o regresso da comissão.

Correrias, gritos e atropelos davam àquella local o aspecto dum campo de batalha, onde ninguém se eximiu ao furor dos agressores. Recuando sempre aos insolitos ataques, aqueles milhares de operários chegaram à rua de São Bento, sendo nesse lugar feridas as seguintes pessoas:

Francisco Tavares, de 26 anos, natural de Mação, policia 2192, ferido com um tiro na coxa esquerda. Depois de pensado no Banco recolheu à Sala de Observações.

Virgínia Cândida da Silva, de 44 anos, natural de Braga e moradora na rua do Registo Civil, 6, sobre loja, ferida com um tiro no joelho esquerdo. Deu entrada na enfermaria de Santa Joana.

João da Silva, de 25 anos, natural de Lisboa, caldeireiro, residente na rua Maria Pia, 325, tiro no pé direito. Deu entrada na enfermaria de S. Francisco.

Vasco da Rocha Cosme de 18 anos, tipógrafo, natural de Lisboa e residente na Praça das Flores, 10, 1.º, ferido com um tiro na perna direita, recolhendo à Sala de Observações.

Este último ferido é sobrinho do nosso querido amigo Alexandre Vieira, um dos mais cultos militantes sindicalistas. O estado de Vasco Rocha Cosme é, felizmente, satisfatório.

Os feridos foram transportados ao Hospital de S. José, em autos da Cruz Vermelha e Bombeiros.

No Banco encontravam-se de serviço os drs. Luis Ottolini e Santos Paiva e enfermeiro Oliveira.

Virgínia Cândida da Silva, ferida na rua de São Bento, como acima se faz referência, foi removida ao hospital de São José no auto-taxis 9309 da Sociedade Automobilista Portuguesa, guiado pelo «chauffeur» José Martins, que sollicitamente se prontificou a socorrer a infeliz. E' um gesto a que não regatearemos o nosso elogio.

Houve ainda um outro ferido, o operário Avelino dos Santos. Quando o civico 1224 agredia barbaramente a pobre Virgínia da Silva, Avelino dos Santos foi arrastado para a rua das mãos do seu alzug. Este furioso voltou-se para o Avelino e agrediu-o na cabeça. Recebeu curativo no hospital de Santa Marta.

Uma sessão em que se relata o ocorrido

Cerca das 17 horas, realizou-se no salão da Construção Civil uma sessão que foi enormemente concorrida, a fim-de a Comissão pró-Regresso dos Deputados expor as demarches que foi realizar junto do Parlamento.

Em nome da referida Comissão, Alberto Monteiro descreve pormenorizadamente o que se passou no Parlamento. Depois de hora e meia de espera, conseguiu ser recebida pelo presidente da Câmara dos Deputados, sr. Rodrigues Gaspar, que se desculpa da demora, afirmando que era devida a não poder ser substituído com facilidade na presidência da sessão. A Comissão, depois de lhe ter lido a representação, significou-lhe a atitude violenta da G. N. R. que compromitio os manifestantes, que estavam em atitude ordeira, contra o gradeamento do edificio para os agredir a tiro e à sabrada, no momento em que entrava o dr. Barbosa Viana.

O sr. Gaspar alegou desconhecer esses factos e declarou que, sendo filho dum marceneiro, tinha a maior consideração pelas classes trabalhadoras e o maior interesse pelas suas reclamações. O orador declara a seguir que, reconhecendo ser inúteis todos os processos legais, a Comissão pró-Regresso dos Deputados ia apresentar a sua demissão ao conselho geral da C. S. T.

António Costa, em nome da Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, tendo acompanhado a Comissão pró-Regresso dos Deputados em nome do mesmo organismo, entregou a sua representação, bem como a moção aprovada na sessão de protesto promovida pelos Impresores Tipográficos. Declara ter dito ao presidente da Câmara que a Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal lamenta e protesta que, após 15 anos de República, ainda os sabres e as espingardas sirvam para acutilar e espingardar o povo, como agora acaba de succeder fora do Parlamento aos operários que ali estavam no máximo sossego.

Artur Aleixo, em nome da C. S. T., faz sentir que o que pensa a mesma Câmara caia fundo na alma dos trabalhadores. Ante a indiferença dos governantes não devem os nossos trabalhos finalizar, pois o gesto revolucionário do operariado deve servir de incentivo. Sabe que as representações ficarão nas gavetas, mas só um gesto maior do proletariado pode arrancar às plagas africanas os deportados.

Miguel Augusto, da Construção Civil de Tires, saiente que o protesto não é só de Lisboa, mas também abrange o operariado dos arredores.

João de Sousa, que presidia, diz que deve ser salientado que o protesto não se restringiu a Lisboa, mas se alargou até aos arredores, achando que de futuro os protestos sejam de carácter nacional.

E' aprovado um protesto contra as violências das autoridades, terminando a sessão no meio de grande entusiasmo e de gritos de repulsa pelos actos da policia.

Reúne hoje, pelas 21 horas, a Comissão pró-Regresso dos Deputados, a fim de tratar de assuntos que demandam a compa-

rência de todos os seus componentes e da comissão suplementar.

O operariado de Evore fez-se representar nas manifestações de ontem por um enviado especial da União dos Sindicatos Operários daquela cidade.

A Associação dos Impresores Tipográficos entregou ao presidente da Câmara dos Deputados e ao presidente da República a cópia da moção aprovada na sessão de protesto promovida por aquele organismo em 26 de Novembro.

O mesmo organismo enviou telegramas de protesto contra as deportações sem julgamento e prisões nas esquadras há cerca de oito meses, ao presidente do Supremo Tribunal de Justiça e ao procurador geral da República.

A Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares protesta energeticamente contra as agressões de que o operariado foi vítima bem como contra as notícias tendenciosas dos jornais da noite, pois, ao contrário do que afirmamos, os trabalhadores encontravam-se no máximo silêncio em frente do Parlamento quando surgiu um esquadrão da guarda e a policia que selvaticamente o acutilaram e agrediram a tiro.

LOTERIA DO NATAL 3.600 contos Bilhetes abertos em cautelas. 1566 4272, 4841, 4638. Largo do Conde Barão, 55

Ofertas para os presos

A fim-de serem vendidos pelo maior lucro, encontram-se expostos na nossa redacção um corte de fazenda preta para fato de homem e um artistico tinteiro de ferro fundido, para duas tintas, próprio para secretaria. O corte de fato, que foi oferecido pelo nosso camarada Felix, pintor da construção civil, tem já um lance de 10\$800 pelo camarada Daniel Francisco. O tinteiro é oferta dum camarada inscrito marítimo e já está em 20\$800, oferecidos pelo camarada Oliveira, tipógrafo.

Quem mais offerece para auxilio dos presos?

Centenário da Fundação da Régia Escola de Cirurgia

Lições para o dia 21 A's 9 horas.—Lição clinica pelo professor Moraes Sarmiento. Hospital do Rêgo. A's 10,30 horas.—Lição pelo dr. Moraes Cardoso: «Diagnóstico e tratamento precoce da sífilis». Hospital Escolar (2.ª Clinica Médica).

Mausoleu dos jornalistas

Por proposta do vereador dr. sr. Alfredo Guizado, a Câmara Municipal de Lisboa resolveu ceder um terreno ao Sindicato dos Profissionais da Imprensa, para nele ser construído um mausoleu destinado a receber os cadáveres dos jornalistas. O honroso procedimento da edilidade vai ao ponto de auxiliar essa construção e, assim, dentro em breve, será lançada a primeira pedra do mausoleu.

Ontem, o presidente da Comissão Executiva da Câmara, comunicou à direcção do Sindicato que o mausoleu deveria ser erigido numa das rotundas do cemitério do Alto de São João, solicitando diversos esclarecimentos acerca desse assunto. A direcção do Sindicato, no officio que dirigiu ao dr. sr. Alfredo Guizado, agradeceu mais uma vez a concessão da municipalidade e manifestou o desejo de que o lançamento da primeira pedra do mausoleu se realizasse antes de 31 do corrente.

ACREDITADA: A tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico são tem inimigo poderoso

NUCLEO CALCINA TÓNICO ENÉRGICO ESSENCIALÍSSIMO Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras LABORATÓRIOS DO SARMENTO SARMIENTO Praça dos Restauradores, 18 LISBOA

Quem perdeu? Pelo camarada Leonardo da Costa foi achada uma manivela de automovel, na Rocha do Conde de Obidos, que se encontra na nossa redacção e será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Teatro Gimnásio Telef. C. 2814 Direcção artistica de GIL FERREIRA

HOJE-VIDA E MORTE-NOJE LINDA COMÉDIA EM 3 ACTOS em que PALMIRA BASTOS interpreta a protagonista.

Em papeis de destaque: Gil Ferreira Ofélia Brochado Henrique Albuquerque e Tarquínio Vieira

HOJE-VIDA E MORTE-NOJE 3.º concerto sob a direcção do maestro Fão

Teatro Nacional Telef. N. 3049 HOJE não há espectáculo para proceder-se ao ensaio da MORGADINHA DE VALFLOR

Amanhã última representação do sensacional drama A SEVERA

Peça altamente dramática, cheia de aparato e representada com successo mais de trescentas vezes

Protagonista Ester Leão Encenação do professor ANTONIO PINHEIRO

Teatro APOLO Telefone N. 4127 Companhia BERTA BIVAR-ALVES GUNHA de que faz parte ADELINA ABRANCHES

HOJE e todas as noites A TABERNA

Exito inagualado Peça interessante e de empolgante entreacto

A farça parlamentar

Uma apresentação teatral e uma declaração «cliché» seguidas do lançamento duma casca de laranja

Previo-se que não haveria espectáculo, por motivo da falta de alguns rúbais. No entanto, à hora habitual, repletos os camarotes da empresa e regular concorrência no galinheiro, o quorum estava completo e iniciou-se mais uma da revista perpétua: Um parlamento falido.

Estreou-se o deputado sr. Augusto Arruda, actor de apresentação distinta, voz de trombone, que saúda o contra-regra, sr. Rodrigues Gaspar, e toda a companhia. Refere-se a um vendaval que assolou a ilha de São Miguel e que lançou o desalento na laboriosa população daquela terra. Afirma que este caso deve sensibilizar toda a Câmara, mas esta, dividida em grupos, comesa animadamente não ligando meia aos apelos de sensibilidade. O sr. Arruda fica esperando que o governo se apresente para lhe pedir providências.

O sr. Sampaio Maia chama também a atenção da Câmara para a catástrofe de Espinho, posto que o ciclone que ali passou não deixou uma única casa de pé (na sala paira um grande ponto de admiração e interrogação sobre o exagero de todas as casas terem voado). O orador insurge-se contra uma lei trivial que não permite auxilio para estes casos e, mandando para a mesa um projecto de lei sobre o assunto, também aguarda a apresentação do governo.

O deputado sr. Alfredo Nordeste, que também se estreia, cumprimenta a presidência e chama ao parlamento uma grande luta (talvez piada à dansa da dita) e associa-se às palavras do seu colega Maia, esperando, como aquele, ver ocupadas as cadeiras ministeriais.

Por um capricho do destino, após o ter o deputado dr. sr. Ramada Curto perguntado à presidência se já recebera a representação da C. S. T. sobre prisões e deportações, fala o sr. Vitorino Guimarães. Tem gestos arrebatados, caminha de lado para lado, parecendo coxejar de calos ou talvez trópego por ter calçado as leis para ordenar a patifaria das deportações. Insurge-se contra a imprensa, uns jornalistas que tem confundido a questão dos bancos, embulhando o governo da sua presidência com os sr. Inocência Camacho, Rêgo Chaves e Daniel Rodrigues, quando este último fez parte do governo Rodrigues Gaspar. Considera esses homens honestíssimos (ora, pois não...) e afirma que o financiamento de Angola como das outras províncias ultramarinas tem sido feito pelos cofres do Estado.

O sr. Filomeno da Câmara (agora da dos deputados) o formidável comandante do 18 de Abril, defende a sua classe, a naval, mandando nesse sentido para a mesa um projecto de lei, contra uma outra lei que considera uma «bota».

O fornecedor de carne humana para a Guiné, sr. Vitorino Guimarães, volta a falar, desta vez para se orgulhar da grande obra da república e oferece aos deputados socialistas todo o seu apoio no que respeita aos interesses dos trabalhadores. (Se os socialistas fossem governo já tinham um deportador).

Discute-se o duodécimo, cujos artigos matraqueados pelo sr. Baltazar Teixeira, vão sendo aprovados.

O sr. Barros Queirós atravessa o hemicycle, com cara de iluminado.

Um continúo começa a pendurar sobre os nos braços das cadeiras ministeriais. Que belesa se ficassemos por um governo de inofensivos sobretudos. No entanto isto é simbólico: um governo é sempre um grande sobretudo... sobre o povo, sobre os direitos dos cidadãos, sobre as próprias leis. Agora entra o governo. O ambiente é de circunspeção, solene como nas tragédias. Mas o governo tem um ar cómico, uma espécie de 9 «ratas» tendo à cabeça o ratamór do sr. António Maria da Silva. Alardam-se nos faulejos e começa o segundo acto.

Fala agora o roberto do diabo, quer dizer o novo presidente do ministério, o já conhecido ladrão de operária. Lê uma chaia declaração ministerial do tamanho da légua da Póvoa, em que se fala em primeiro lugar na ordem pública, se promete administração honesta e esclarecimento do caso dos bancos, relações internacionais amistosas, substituição do actual contrato dos tabacos pela régia; ressurgimento dum Portugal maior (deve ser pisada à comemoração da morte de Saadurá Cabral) e promete mais, muita coisa, muita coisa, entre ella o «habes corpus». Não cansa riso este homem; se não fóra o perigo de nos mandarem... evacuar, mandá-lo hiamos despir... a farpela com

que influiu para o maior dos paradoxos contra o «habes corpus», deportando-se e mantendo-se presos inocentes durante muitos meses que, uma vez em liberdade, ninguém os indemnizaria materialmente nem lhes devolverá a saúde que lhes roubaram.

O sr. Vitorino Guimarães discursa com um ar de trágico, mãos enclavilhadas, exalta as virtudes do seu partido, o P. R. P., que pariu tão interessante governo. A sua voz, por vezes sumida, por vezes elevada, tem o tom duma oração fúnebre de mau agouro.

O deputado nacionalista sr. Pedro Pita faz uma cerrada critica à declaração ministerial e invocando velhos ressentimentos partidários que levam o seu partido a não apoiar o novo governo lança-lhe aos pés a casca de laranja duma moção de desconfiança.

Agora fala o socialista sr. Ramada Curto. Produz um disc. 150-blaque contando historietas, rendilhan o imagens. Vai apresentando uma moção que não é peixe nem carne antes pelo contrário—diz—e espera que o governo cumpra a lei no referente a delitos sociais. Não usará dos tropos habituais em casos d'esses, que obedecem a paramentos vermelhos e discursos estudados em casa. Saírá o que sair. E discursa, discursa por toda a sua verve de arlequim, divertindo muito a camara que o rodeia. Considera o Parlamento uma grande revista de teatro em que o sr. António Maria da Silva é simplesmente um quadro novo, e a sua declaração ministerial um cliché que pouco se alterou pelos nacionalistas se um dia fôr governo. Justificando a aliança dos socialistas com democráticos bonzos no acto eleitoral, afirma que ella teve apenas em mira a conquista daqueles d'os logares no parlamento que al uns amargos hão-de causar aos seus aliados.

O partido socialista não tem a força que devia por que o operariado segue o idealismo anarquista e se encontra no sindicalismo revolucionário da C. G. T. e porque em Portugal não há a grande industria nem existem as grandes massas operárias. E' preferível que haja harmonia no Parlamento do que anarquia nas ruas e nos espiritos. A situação exige um governo de força, um governo que governe, para proprio interesse do operariado. (Que tal hein?)

Sobre a ordem pública preconizada na declaração, afirma: —Não pode haver ordem e paz nas ruas sem paz nos espiritos e nos corações. Neste país onde não há industria, nem nada, o problema máximo é a miséria.

A situação cifra-se nisto: Um politico quer arranjar um bom emprego metese numa revolução e o operariado sofre por perder a sua féria, porque lhe matam um ente querido com um tiro, e por que está sujeito a uma justiça de classe, vesga e de trampolim.

E dando assim uma no cravo e outra... no tacão da bota, fala como um autoclismo, segundo uma sua imagem, tocando todas as teclas da declaração ministerial.

Do seu discurso, cheio de contradições e incoerências amaneiradas, daríamos um relato mais desenvolvido se nos sobrasse o espaço.

Para fechar: o discurso terminou com muitos apertos de mão e um chi-chi-coração do sr. António Maria da Silva.

O resto sem importância. Hoje há espectáculo.

TEATROS, MÚSICA & CINEMAS

São Luís

«Flor do Tojo», opereta de Campos Monteiro e Nicolino Milano

Campos Monteiro é um homem de letras na verdadeira acepção do termo. Escritor sciutilante, ironista duma mordacidade contundente tem escrito bastante e das suas obras muito ficará pelo recorte literário, pela observação e pelo bom humor. E' de Campos Monteiro a letra da opereta «Flor do Tojo» estreada agora no São Luís depois duma carreira gloriosa por outros teatros de Portugal e Brasil.

O assunto da peça foi trazido das lutas liberais entre constitucionais e partidários de D. Miguel e o acontecimento que serve de principal pretexto é o movimento de ideias que agitaram os homens de 1820, entre os quais Fernandes Tomás occupa um lugar de primazia. Essa falange liberal, que faria inveja aos constitucionais de hoje, foi toda uma época interessante de liberdade e de afirmações. Campos Monteiro encara o assunto com a mais louvável imparcialidade. Nicolino Milano escreveu a música há uns bons vinte anos e agora, na repositão da peça, refundiu-a, modernizando-a.

A empresa do São Luís andou bem fazendo a revivescência e a companhia que organizou desempenhou-se cabalmente, bastando-lhe os elementos de que dispõe e de que são primeiras figuras Maria Pires Marinho, Almeida Cruz, Alvaro de Almeida, Alvaro Pereira e Terça Gomes, acrescentados esta valores da segura direcção de Serafim Rada, a quem a partitura mereceu o melhor carinho. Maria Pires Marinho não tem nesta opereta dos melhores ensaios para fazer valer a sua boa escola, é pouco para ella, mas nem por isso deixou de se fazer notar. Almeida Cruz cantou correctamente.

Alvaro Pereira teve graça, como a teve noutro género Alvaro e Almeida. São dois Alvaros que não fazem sombra... um ao outro. Os coros masculinos no primeiro acto não estiveram à altura dos seus créditos, mas no entanto, bem depressa afirmaram no segundo acto.

A aparição duma bandeira azul e branca conduzida pelo poffa-estardante do regimento que toma o castelo de Viana, provocou um ligeiro rumor por parte de certos puritanos da República que dos princípios que defendem só conhecem certamente as cores verde-vermelha. O facto tem mais de imbecil do que de irritante. O que querião esses espectadores exigentes? Naturalmente desejariam que o regimento trouxesse a bandeira verde-rubra. O pior é que nessa época a liberdade que as cores poderiam simbolisar tinha outros defensores de não menor quilate, não existia ainda o Banco Angola e Metrópole e ao fim da avenida da Liberdade não se erguia ainda a Penitenciária...

Não lembra ao diabo! Eliminar a bandeira azul e branca... Se a empresa o fizesse seríamos os primeiros a protestar, mesmo com o risco de nos chamarem «thalassa». Havia talvez dois meios de solucionar o caso: Atribuir a qualquer liberal de hoje a Constituição de 1820, ou avançar um século e fazer passar a acção em qualquer centro republicano.

Não haverá por aí quem ensine um pouquinho de história a estes puritanos? Nogueira de BRITO

Orquestra Portuguesa

Foi, nesta temporada, o primeiro concerto a que assistimos da orquestra do maestro Fão, cujo titulo, talvez não reparassem, apparece simplificado: «Orquestra Portuguesa». E' menos uma palavra que teremos de escrever de ora em diante. Por esta curiosidade natural de que todos mais ou menos enfermamos, não desgostáramos de saber a razão da mudança.

Porque os componentes da orquestra são só portugueses? Só será este o motivo.

Em beneficio da Cruz Vermelha

O pedatório que em 16 do corrente foi feito em Lisboa por vários grupos de senhora rendeu aproximadamente 26.000 escudos.

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extracções sem dor a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde. MARIO MACHADO R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Imperialismo ruinoso

PARIS, 21.—As operações militares na Síria e Marrocos custaram, durante o ano económico findo, 950 milhões de francos, e estão calculadas em 500 milhões as do ano em curso.

COLISEU DOS REGREIOS HOJE, às 21 horas, HOJE ESTREIA

dos notáveis artistas Romer and Brayner illusionistas, ventríloquos e transformistas

O elefante gigante e os dois poneyes

Otago Bill — TIGRES REAIS Todas as atrações da Grande Companhia de Circo

Teatro APOLO Telefone N. 4127

Companhia BERTA BIVAR-ALVES GUNHA de que faz parte ADELINA ABRANCHES

HOJE e todas as noites A TABERNA

Exito inagualado Peça interessante e de empolgante entreacto

Teatro S. CARLOS HOJE às 9 1/4 da noite

O PRINCEPE JOÃO Espectáculo sensacional Admiráveis criações de LUCÍLIA SIMÕES e SAMUEL DINIZ

Mas concordemos em que a designação de Orquestra Sinfónica de Lisboa não desmentia a constituição, por isso que não afirmamos a sua nacionalidade não a desmentia também. Se amanhã um músico estrangeiro passar a fazer parte della, como já de facto fez, o seu primeiro violino René Bollet, por exemplo, como se justifica a razão do título? Fernandes Fão não precisa de entrar nestes detalhes. O seu nome, a sua probidade artistica, a dedicação para a arte musical, são bastante garantia para a nossa admiração e respeito. E' este concerto do prelúdio de Guilherme Mors, professor notável de contraponto em Munich, foi um ottimo exemplo prestado. Construção sólida, factura admirável, tudo se reúne neste prelúdio para provar a aliança dos motivos, das frases simples à substancial união das notas mais sobriamente combinadas. O maestro Fão tem de executar mais uma vez nesta época esta bela página. Os restantes números do programa tiveram optima execução, principalmente o segundo o terceiro andamentos da Sinfonia Rheana, de Schumann. Muito boa, também, a execução do prelúdio do 3.º acto de Tannhauser.

Reclames

Em récita da moda, para a qual um público muito escolhido fez já as suas combinações, despede-se amanhã, no Nacional, a peça «A Severa», que deixa nos annos do nosso primeiro teatro uma indelével recordação, não só por se tratar de uma obra consagrada pelo publico, como pelo brilhante desempenho que lhe foi dado neste teatro por parte dos artistas que constituem o quadro dos sociários.

—Presentemente, o artista português mais em foco é, sem contestação, o nosso grande actor José Alves da Cunha, cujo exito, na interpretação do formidável papel de «Coupeau», na peça «A Taberna», no Apollo, tendo sido loucamente, entusiasticamente compreendido pelo publico de Lisboa, começa agora a irradiar por todo o país, galgando até as fronteiras, pois que todas as agências telegráficas o comunicaram para a imprensa das principais cidades do mundo culto. Certos de que «A Taberna» perdurará largo tempo no cartaz, é bom acentuar que se repete hoje.

—O publico, todas as noites ir a perder no teatro São Luís, durante a representação da engraçada opereta portuguesa «Flor do Tojo», à medida que por entre ditos de graça genuinamente portuguesa e números de música inspiradíssima, lhe contam a história da herádica familia dos Camelos e das Barbudas. As duas Barbudas são feitas por Terça Gomes e Rosalina Sayal que vão primorosamente na massa «Eufrosina» e na outra velha soiteirona.

—Embora só muito difficilmente se pudesse conceber uma melhoria nos espectáculos do Coliseu, o que é facto é que as interressantissimas estreias de ontem vieram dar um novo carácter ao programa que foi mais vivo e mais movimentado. Pois já hoje há uma nova estreia, que mais contribuirá para dar realce ao admirável conjunto de atrações que ali se exibem. Trata-se dos notáveis artistas Romer and Brayner cujos trabalhos de illusionismo são do que há de melhor no género e que vão hoje obter sem sombras de dúvida um grande successo.

Completam o espectáculo os números de grande sensação Otago Bill, os tigres reais, o elefante gigante e todas as célebres da Companhia de Circo. —Em vista do extraordinário agrado obtido, no Gimnásio, com os dois recentes concertos sinfónicos da direcção do maestro Fernandes Fão e do interesse sempre crescente, que apresentam os primorosos programas de tão artisticos espectáculos, muitas familias mandaram já adquirir lugares para o concerto de domingo, que vai ser verdadeiramente sensacional.

OS QUE MORREM FUNERAIS

A Secção Profissional dos Pintores convidou todos os seus componentes a incorporar-se no funeral do seu consocio Pedro Mendes Correia, que se realiza hoje, saindo pelas 15 horas do Hospital de São José.

Faleceu ontem o pedreiro José António, cujo funeral se realiza hoje, às 14 horas, do hospital de São José para o cemitério do Luimar.

Ocorrências diversas

No Banco do Hospital de São José, receberam curativo e recolheram a casa, Artur Borges, de 11 anos, rua da Estrela, 111, 1.º, que caiu na mesma rua fracturando o braço direito, e João Francisco Soares, de 39 anos, policia 1036, que caiu ao apressar de um electrico na Praça dos Restauradores, ficando ferido na cabeça.

Nova carreira de eléctricos

Deve inaugurar-se amanhã a nova carreira de carros electricos do Rossio à Orca, com passagem pelos Anjos, rua Maria Andrade e Forno do Tijolo, fazendo ligação com a linha actual pela Sé, e estabelecendo por esta área circulação descendente e ascendente de carros. Hoje, as Indústrias Electricas vão proceder à vistoria da linha. A Companhia tem em construção nas officinas de Santo Amaro mais 12 carros para reforçar os serviços já existentes.

Teatro S. CARLOS HOJE às 9 1/4 da noite

O PRINCEPE JOÃO

Espectáculo sensacional Admiráveis criações de LUCÍLIA SIMÕES e SAMUEL DINIZ

A BATALHA NA PROVINCIA E ARREDORES

Ponte de Sôr

Ainda a famosa justiça burguesa

PONTE DE SOR, 16. — A «Batalha» de 11 do corrente diz alguma coisa sobre o julgamento do camarada Manuel dos Santos Sardinha. Mas essa notícia não está bem pormenorizada e não julgamos conveniente esclarecer tudo assim apreciar melhor o caso. Sardinha é de há muito, pela sua independência de carácter e pelo seu esforço em prol da associação, um estorvo para a burguesia, e daí o esta esperar todos os momentos de poder lançar as garras sobre ele.

Os leitores tir-se-hão ao saberem que as palavras «injustiças» que aquele nosso camarada dirigiu ao burguesote João Diogo Pais (o que matou o cão) foram unicamente estas: os senhores não têm o direito de matar os animais que pertencem aos outros, e demais, talvez eu tivesse aquele cão em mais estima que o seu pai o tem a você.

O burguesote não se zangou e concordando com a falta do animal prometeu pagar uma indemnização dentro de próximos dias. Sardinha vai à casa buscar a matrícula do cão para mostrar que possuía licença e eis quando vê conversando com o burguesote «famoso» (burguesote também) Felizardo Prazado, inimigo ligado de Sardinha. Estamos então que conversa se passou porque após a João D. Pais declarava que lhe não pagava já nada pela morte do animal. Sardinha não pensou em exigir para que o cão fosse pago mas não obstante foi no dia 7 prestar contas do «crime» de «injustiças». E foi nesse dia que se notou na localidade uma grande afluência de burgueses de Aviz, Galveias e Ponte de Sôr, que aspiram ver o nosso camarada uns meses à sombra.

Felizardo Prazado não deixou de se salientar bastante, falando muito com as testemunhas e com o juiz. A sala do julgamento estava apinhada de curiosos, uns desejosos de verem a verdade a claro, e outras (sendo a maior parte) ansiosas para verem perdido o seu. As testemunhas de acusação que foram o chufreiro do queixoso Abílio Sambresiro e José Feijão não tiveram pejo de em pleno tribunal afirmarem que Sardinha injuriara o queixoso chamando-lhe mandrião e canalha.

Isto foi simplesmente revoltante porque é absolutamente falso. Se a terceira testemunha Manuel Monteiro não fosse tão amigo do queixoso, certamente teria provado quanta mentira safu da boca das outras duas testemunhas visto ter assistido a todo o caso do cão, mas Monteiro limitou-se a dizer que se não lembrava já do que se passara. As testemunhas de defesa que unicamente relatavam a verdade, António Marcelino Junior e Júlio Augusto, não foram interrogadas pelo juiz o que indispos a assistência.

Está pois demonstrado que a condenação de Sardinha se deve além das infames manobras dos burgueses, ao espírito retrógrado do juiz que só condenou certamente para dar satisfação aos seus amigos burgueses da terra.

Vale de Figueira

As amazonas da fé

VALE DE FIGUEIRA, 14. — Apareceu ultimamente, nesta terra, um grupo de senhoras altamente empenhadas em fazer convergir para a igreja todas as pessoas que dela têm andado arredadas, porque isto de frequentar a casa de Deus é coisa que cada vez está agradando menos.

As fervorosas damas não se atiraram logo de entrada aos homens recando que grande sacrifício pudessem resultar do seu desejo de levar para a igreja, contra a população masculina desta terra. Foram-se às mulheres. E andaram de porta em porta, pedindo às mães para ir baptizar os filhos à igreja e proficiando-lhes a fazer todas as despesas e a dar um vestido para o enxoval de cada criança.

E' a eterna exploração a exercer-se sobre a miséria. O que é certo é que estas amazonas da fé conseguiram levar à igreja 71 crianças.

E' de prever que elas não sejam, tão bem

sucedidas na conquista dos homens, embora confiem na sugestão poderosa de suas encantadoras graças...

As crianças baptizadas religiosamente foram registadas como filhas de pais incógnitos por os pais terem cometido o crime de nunca casarem religiosamente, ficando por este facto estas pobres mães registadas como... prostitutas.

Como houvesse falta de padrinhos, alguém lembrou as testemunhas que serviram no registo civil; o padre retorquiu com aquela semcerimónia de ministro de Deus, que não admitia dentro das paredes da igreja que se preferisse a palavra civil.

Tortozendo

Uma rectificação

A bem da verdade rectificamos a notícia que ultimamente demos sobre «Um católico violador de crianças», na parte que se refere ao nome do biltre que assim procedeu, o qual se chama António e não Francisco. O resto está perfeitamente certo.

Cemitério é votos...

O cemitério desta vila encontra-se num estado deplorável. Há dias fomos lá acompanhar o nosso falecido camarada Alfredo Craveiro e horrorizou-nos o estado em que vimos, especialmente a vala comum que mais parece um pântano com crâneos e ossadas a trouxe-mouxe. As câmpas todas destruídas. No entanto não faltam candidatas numa roda viva a procurar abichar um lugar na junta de paróquia.

Uma escola em ruínas

Já há tempos nos referimos neste local ao estado de desleixo em que se encontrava a escola primária desta terra. O desleixo avolumou-se e a escola hoje é uma verdadeira ratoeira para as crianças que a frequentam, pois que as últimas chuvas a danificaram, abaulando as paredes e ameaçando ruína.

Providências, a quem pedir? Não será para estranhar que qualquer dia, suceda o que sucedeu numa localidade aqui próxima, chamada Provezim, em que após a saída das crianças abateu o edifício. Aquelas, porém, salvaram-se; e aqui haverá a mesma sorte?

Para isto não chega o dinheiro... — C.

O triunfo duma cantora negra nos Estados Unidos

Pela primeira vez na história da arte lírica, nos Estados Unidos, uma negra, retinta e de bastante carapinha, cantará, como soprano, na Grande Opera de Nova York. Trata-se de «miss» Marguerite Avery e precisamos acrescentar, desde logo, que essa cantora alcançou pelos próprios méritos, depois de haver derrotado 22 concorrentes brancas no concurso de Town Hall, presidido pelo professor Fontana, tão alta distinção que fez perder o sono a tantas artistas célebres que passam pelo cenário do mundo.

«Miss» Avery é jóvem, não tem beleza fisionómica, mas possui um corpo esbelta e de linhas esculturais, condições essas que há-de auxiliá-la, tanto quanto a voz privilegiada, para conseguir a culminância da arte lírica no mundo inteiro, segundo opina o professor Fontana, explicando as razões do seu voto no juri de Town Hall.

Não obstante a cor da sua cutis, acredita o referido mestre que a senhorita Marguerite Avery há-de ser «animada» pelo público entendido em arte, porque possui uma voz de incomparável beleza, sem competitora na actualidade.

Devemos fazer sobressair nestas notas o seguinte facto significativo: «Miss» Jessie Zachery, que obteve o segundo lugar no mesmo concurso, foi a primeira a abraçar a sua competitora, expressando-lhe a satisfação que sentia por ver um triunfo tão legitimamente conquistado.

Conhecemos nós um país em que tal absoluto formidando e recriminações azedas contra a mesa examinadora...

Agora, imaginem que isto se passou nos Estados Unidos, onde a raça de Cham não goza positivamente de grande carinho, nem mesmo de simpatia e não tem nenhuma espécie de regalias.

Os negros de Harlem (Harlem é o bairro da gente de cor, em Nova York) onde viu a luz «miss» Avery, mostram-se entusiasmados com o êxito obtido pela concorrente e, durante uma semana inteira, entregaram-se às mais variadas manifestações de contentamento.

AGENDA

CALENDARIO DE DEZEMBRO

S.	1	11	18	25	HOJE O SOL
S.	2	12	19	26	Aparece às 7,52
D.	3	13	20	27	Desaparece às 17,19
S.	4	14	21	28	FASES DA LUA
T.	5	15	22	29	L. C. às 30 às 2,5
Q.	6	16	23	30	O. C. às 15 às 12,15
Q.	7	17	24	31	L. N. às 15 às 19,5
					O. C. às 22 às 11,5

MARES DE HOJE

Praamar às 8,06 e às 8,41
Baixamar às 1,04 e às 1,36

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95800
Madrid cheque		2578
Paris, cheque		3880
Suiza, cheque		389
Bruxelas cheque		19560
New-York, cheque		7589
Amsterdão		579
Itália, cheque		2882
Brasil, cheque		559
Suécia, cheque		5826
Austria, cheque		2577
Berlim, cheque		4568

ESPECTACULOS

Nacional. — As 21 — «A Severa», São Carlos. — As 21,30 — «O Príncipe João», Politeama. — As 21,30 — «Seguro de Vida», Trindade. — As 21,15 — «Clô Clô», Gimnasio. — As 21,15 — «Vida e Doçura», Iphigénia. — As 21,15 — «A Taberna», São João. — As 21,15 — «Fim do Tojo», Fenícia. — As 21,15 — «O Pão de Ló», Coliseu. — As 21 — «Companhia de circo», Ilíria Vitória. — As 20,30 e 21,30 — «Foot-Ball», Sello Vito. — As 9,45 — «O Piroletto» Animatógrafo e Variedades.

Cinema El Vicente (à Graça) — Espectáculos às 5,30, 5,45, sábados e domingos com matineus.

Teatro Perce — Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli — Olimpia — Central — Condes — Chiado Terrace — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Tortozendo — Cine Paris.

ISQUEIROS

Pedras, Metal Auer, vendem-se no LATA, do Conde Barão, — Dúzia, \$40; 100, 3850 milheiro, 25800.

Largo do Conde Barão, 55
Grande desconto aos revendedores

FABRICA
de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal as limas estrangeiras, visto que as limas da marca «UNIAO» da Empresa Nacional de Limas, Lda., rivalizam em qualidade com as melhores limas do mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragem e pias.

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:
Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Lede o Suplemento de «A Batalha»

Poli-clínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 93
Telefone N. 5353

Medicina; coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — A's 5 horas.
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.
Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.
Fle. e sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e 5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Mácio de Matos — 3 horas.
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 5 horas.
Doenças das senhoras — Dr. Emilio Paiva — 2 horas.
Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 12 horas.
Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 2 horas.
Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 h.
Cancro e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.
Rato X — Dr. José de Pádua — 4 horas.
Análises — D. Gabriela Beato — 4 horas.

A sair por estes dias a 9.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Soc. anon. — Estatutos 30 Novembro de 1894

Materia e tracção
SERVICO DE ARMAZENS

Fornecimento de 10.000 quilos de estanho em lingotes de 1.ª qualidade

No dia 28 de Dezembro, pelas 12 horas, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a comissão executiva desta companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 10.000 quilos de estanho em lingotes de 1.ª qualidade.

As condições estão patentes, em Lisboa, na repartição central do serviço dos Armazens da Divisão do Material e Tracção edificio da estação de Santa Apolónia, todos os dias úteis das 10 às 16 horas.

O depósito para ser admitido a licitar deve ser feito até às 11 1/2 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio da estação do Rocio.

Lisboa, 12 de Dezembro de 1925.

O Director geral da Companhia (a) F. de Mesquita.

«HERPETOL»

— Dá um —
Alívio instantaneo



SOFRE DE COMIÇÃO provocada pelo ECZEMA e outras DOENÇAS DE PELE? A aplicação de umas gotas de «HERPETOL» fará desaparecer rapidamente a comição.

O «HERPETOL» CURA. A alérgia tem os seus meros pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A acção do «HERPETOL» é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes que se encontram nos tecidos, os quais são a causa de todo o mal. E' de um maravilhoso efeito para limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MORDEDELAS DE INSECTOS, ECZEMAS, HUMIDO E SECO e CROSTAS DURAS.

Não hesite e compre um frasco de «HERPETOL» o melhor remédio que até hoje appareceu.

A' venda nas principais farmacias e nos depósitos, em Lisboa, Rua da Prata, 257, 2.º.

Valério, Lopes & Ferrreira, L.º
FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metas, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para cadeiras, — guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

24, R. DO IMPREG. 86 — LISBOA — TELEF. 3330, 3331, 3332, 3333, 3334, 3335, 3336, 3337, 3338, 3339, 3340, 3341, 3342, 3343, 3344, 3345, 3346, 3347, 3348, 3349, 3350

Francês sem mestre
por GONÇALVES PEREIRA
1 volume de 400 páginas 1\$500

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha»

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro util às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de «A Batalha».

Renovação
Revista grafica
A 1 e 15 de cada mês.
Preço esc. 1,50

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de «A Batalha» acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de «A BATALHA».

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço, 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

O Primeiro Congresso Feminista e de Educação (ilustrado), por Arnaldo Brasão. Preço 10\$00.

A Ceia dos Pobres (episódio dramático em verso), por Campos Lima. Preço 2\$00.

Sendas de Lirismo e de Amor (novelas), por Ferreira de Castro. Preço 8\$00.

Os Três Milagres do Convento (contos), por António Passos. Preço 5\$00.

A História do Movimento Macnovista (Revolução dos camponeses na Rússia dos Soviéticos), por Archinoff. Preço 10\$00.

A' venda em todas as livrarias e na administração de «A Batalha». — (Desconto aos revendedores).

SAPATEIRO PRECISA-SE Ajudante
Rua Maria, 7, 3.º ao Bairro Andrade.

Um livro sensacional
Quereis saber o que é o bolchevismo russo como reacção contra o espirito revolucionário?
Lêde o impressionante livro de Archinoff

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO MACNOVISTA

em que se descreve com todo o rigor e exactidão a revolução dos camponeses esmagada pelo governo dos soviets.

UM GROSSO VOLUME Esc. 10\$00

A' venda em todas as livrarias e na administração de «A Batalha». Desconto aos revendedores.

Companhia Caminhos Ferro Portugueses

DIRECCÃO GERAL
Concurso para admissão de praticantes de escritório dos serviços centrais

O prazo para a entrega de requerimentos e documentos para este concurso é prorrogado até 31 de Dezembro do corrente ano.

O programa do concurso e demais condições estão patentes na Secretaria da Direcção geral (edificio da estação de Santa Apolónia) todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14,30, às 16,30 horas.

Lisboa, 15 de Dezembro de 1925. — O Director Geral da Companhia, (a) Ferreira de Mesquita.

Biblioteca de Instrução Profissional

- Manuais de officios**
- Gaivanoplastia 18\$00
 - Motors de explosão 20\$00
 - Navegante 16\$00
 - Cimento armado 25\$00
- Construção Civil**
- Acabamentos das construções 16\$00
 - Alvenaria e Cantaria 13\$00
 - Edificações 13\$00
 - Encanamentos e salubridade das habitações 13\$00
 - Materiais de construção 20\$00
 - Terraplenagens e alçerces 13\$00
 - Trabalhos de Carpintaria 16\$00
- Diversas indústrias**
- Condutor de Máquinas 20\$00
 - Fegreiro 16\$00
 - Formador e estuador 12\$00
 - Fundidor 13\$00
 - Pilotaagem 16\$00
 - Industria alimentar 12\$00
 - Industria do vidro 12\$00
- Elementos gerais**
- Algebra elemental 13\$00
 - Arithmetica pratica 15\$00
 - Desenho linear geometrico 12\$00
 - Elementos de electricidade 30\$00
 - Elementos de fisica 12\$00
 - Elementos de Mecânica 12\$00
 - Elementos de Modelação 12\$00
 - Elementos de Projecção 16\$00
 - Elementos de Quimica 12\$00
 - Geometria plana e no espaço 13\$00
 - Fabricante de tecidos 13\$00
- Mecânica**
- Torneiro e Frezador mecânicos 15\$00
 - Desenho de máquinas 25\$00
 - Material agricola 13\$00
 - Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor 13\$00
 - Problemas de máquinas 16\$00

ASSINEM Os mistérios do Povo

OS MISTÉRIOS DO POVO N.º 606 22-12-1925

— Castigava-me com uma disciplina... julgava estar só...

— Meu filho, respondeu o artista, assenta-te, tua mãe e eu temos que conversar contigo, estaremos melhor aqui que lá em cima, onde poderíamos, conversando, acordar tua irmã.

O mancebo, muito espantado, assentou-se num banco. Cristiano também se assentou, e Brigida ficou em pé junto dele, encostando-se-lhe ao ombro e não deixando o filho com os olhos.

— Meu amigo, continuou Cristiano, devo assegurar-te primeiros que nunca pensei em contrariar as práticas religiosas a que te entregavas há pouco, com o ardor de um neófito; porém já que se apresenta esta ocasião, far-te hei a tal respeito algumas observações paternais.

— E eu vos escuto, meu pai.

— Fôste educado por nós como tua irmã e teu irmão na doutrina evangélica, segundo os princípios de Cristo: «Amai-vos uns aos outros; não façais aos mais aquilo que não quereis que vos façam; perdoai as ofensas; lamentai os maus; socorrei os affitos; honrai os arrendidos; sede laboriosos e probos.» Estas poucas palavras resumem a moral eterna de que eu e tua mãe sempre temos pregado o exemplo desde a tua mocidade; assim que chegaste à razão tratei de penetrar-te na crença de nossos pais; que somos imortais na alma e no corpo, e que depois do que se chama a morte, momento de transição entre o que existe e o que reconcega, vamos renascer, ou mais depressa, continuar a viver, espirito e matéria, noutras esferas, elevando-nos assim sucessivamente em cada uma das fases da nossa eterna existência, para uma perfeição infinita, como a do Criador.

— Mas isso, meu pai, é heresia, e não tem relação alguma com o dogma católico.

— Seja, não te imponho esta crença; todo o homem é livre de buscar nas suas aspirações religiosas o ideal das relações entre o Criador e a criatura. tal liber-

dade é o mais belo atributo, e o mais belo direito da consciência humana.

— Não existe neste mundo senão a religião católica, a religião revelada, interrompeu Hervé com voz forte; e sob pena de heresia deve-se.

— Meu amigo, disse Christiano interrompendo seu filho, não quero engajar contigo nenhuma discussão teologica... Não fiz mais do que, antes de falar no presente, lançar um olhar ao passado; e declaro-o em teu louvor, o passado foi conforme o desejo de nosso coração; eu e tua mãe nunca tivemos mais do que elogios para te fazer. Leal, meigo, laborioso e dócil, esforçando-te para agradar a todos, e conseguindo-o pela amabilidade do teu carácter assim te mostraste sempre, até que uma mudança muito notável se fez em ti, e de que tua mãe e eu nos inquietamos muito, ainda que seja hoje pela primeira vez que te falamos nisso.

— Que mudança meu pai?

— Há algum tempo que perdeste a alegria, e de que parecês desconhar de nós, tornaste-te cada vez mais concentrado e taciturno; foges da imprensa; o teu olhar, antigamente tão atraente e franco, mostra-se irritável, acre, a tal ponto que, antes da partida para Milão, tratavas muitas vezes mal o teu irmão Odelin, e te tens mostrado cada vez mais brusco e duro para com tua irmã, contudo sabes que ela te ama ternamente.

A estas últimas palavras Hervé estremeceu, a sua fisionomia, ao ouvir pronunciar o nome de sua irmã, tornou-se cada vez mais triste e assumiu uma expressão inexplicável; ficou um momento silencioso, a sua voz acerbou e firme por ocasião das suas últimas respostas relativamente a sua fé religiosa, alterou-se e vibraciou:

— Tenho às vezes acessos de mau humor, de que peço perdão a Deus que me livre. Se tratei mal minha irmã foi sem má intenção... Tenho por ela a mais terna afeição.

— Estamos certos disso, meu filho, replicou Bri-

gida. Teu pai cita-te esse facto como um dos sintomas da mudança que em ti observamos, e com que nos espantamos.

— Enfim, ajuntou Cristiano, vemos com pesar renunciare a sociedade dos teus amigos da infância, e não tomares parte nos brinquedos que são próprios da tua idade.

Hervé, que se mostrara tão comovido quando se tratou de sua irmã Hêna, respondeu com tom áspero, porém firme:

— Os amigos que eu frequentava ainda há pouco tempo, são muito mundanos, os meus pensamentos agora são diferentes:

— E's livre na escolha das tuas relações, contanto que sejam honrosas; estás ligado há algum tempo por intima amizade com frei Girardo, franciscano...

— Deus o mandou no meu caminho, e é um santo! o seu lugar está marcado no paraizo.

— Não discutirei sobre a santidade de frei Girardo; dizem, e eu acredito, que é de costumes honrados, e até aqui nunca te repreendi da tua ligação com ele.

— E ainda que o tivesses feito, meu pai, eu teria ido para o lado da minha salvação.

— Julgas tu, meu filho, que por ventura nos opomos à tua salvação? disse Brigida com tom de preocupação affectuosa. Não sabes quanto te amamos? e que todos os nossos pensamentos são ditados pelo nosso amor por ti, e pelo desejo de te ver feliz?

— A felicidade está na fé, minha mãe; e do céu nos vem a fé! Fora da igreja não pode haver salvação.

— Poderias responder por outra forma às palavras de tua mãe, disse Cristiano, vendo sua mulher contristada pela resposta seca de Hervé.

— Se a fé vem do céu, o amor filial também é um sentimento celeste e Deus queira que se não tenha enfraquecido no teu coração... Deus queira, finalmente, que a influencia de fr. Girardo não venha, talvez a seu pesar e a teu, a perverter no teu espirito as simples

noções do bem e do mal. Lembra-te que há poucos dias na nossa officina, algum dos companheiros de trabalho se indignavam com o tráfico das indulgências?

— Sim, meu pai, bem me lembra; e combati como mereciam essas palavras blasfematorias.

— E que um dos nossos companheiros comparou o negocio das indulgências a um roubo? ajuntou o artista sem poder vencer completamente o olhar de seu filho, que desde o começo do entretenimento, tinha constantemente para o chão. Ouvindo emitir essa opinião, ajuntou Cristiano, tu exclamaste que todo o dinheiro, ainda que proviesse dum roubo, se tornava santo quando se empregava em obras pias; disseste isto, não é verdade?

— E é esta a minha convicção.

O artista continuou depois de um momento de silencio:

— Meu amigo, fôste sem dúvida acordado como nós pelo ruído da precissão?

— Sim, meu pai... e na esperança de tornar mais eficazes as minhas rezas pela libertação das almas do purgatorio, castigava-me...

— Os frades affirmam que as almas penantes podem ser resgatadas por dinheiro?

— Com a condição, meu pai, que esse dinheiro seja consagrado para um uso meritorio...

— Hervé, se tu achasses na rua uma bolsa cheia de ouro, julgar-te ias com o direito de consagrar esse ouro para resgate das almas?

— Nem mesmo hesitaria...

— Meu filho, que dizes? exclamou Brigida. Isso seria uma má acção! seria usar do que te não pertencia!

— O que é o dinheiro junto da libertação inteira de uma alma?

Cristiano e Brigida, depois desta resposta, trocaram um olhar doloroso; as suas suspeitas achavam-se quasi realizadas.

— Meu filho, o fruto das laboriosas economias minhas

